

ENTREVISTA

A MISSÃO LIBERTADORA DE DOM PEDRO II E DA PRINCESA ISABEL

Paulo Roberto Viola é jornalista e advogado, espírita, colabora em vários órgãos de divulgação doutrinária, e nos últimos três anos vem-se dedicando a oferecer uma visão espírita-cristã do Segundo Reinado, época que muito tem encantado o público. Seu primeiro livro, *Dom Pedro II e a Princesa Isabel* (2008) já se encontra em sua 3ª. edição.

CE - Quais as maiores lutas, provas e expiações que rondaram os Palácios de Dom Pedro II?

PRV - Durante o Segundo Reinado, sem dúvida alguma, a Guerra do Paraguai, que durou seis anos, foi o maior tormento do Imperador e de sua filha, a Princesa Isabel, pois essa guerra ceifou, de forma absolutamente cruel, a vida de milhares de pessoas. Esse enfrentamento resultou de um “lamentável precedente” - usando a expressão de Humberto de Campos em sua obra *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier - que foi a invasão efetuada pelo Brasil no Uruguai. Disse Jesus ao Imperador, tomado pelo sono: “*A tua incerteza lançou a Pátria do Evangelho numa sinistra aventura*”, que foi a reação do ditador paraguaio Solano Lopes de invadir o Brasil, iniciando a guerra. Por sua vez, a Questão Religiosa configurada com a insubordinação de altas autoridades eclesiásticas também tirou noites de sono, tanto de Dom Pedro II, quanto da Princesa Isabel. E, no fim do Segundo Reinado, eclodiu a Questão Militar. O maior golpe moral sofrido pelo Imperador foram as traições dos amigos republicanos que promoveram a quartelada, como ocorreu com o marechal Deodoro. Mas estava escrito, pois Jesus dissera ao grande Imperador, antes da reencarnação missionária, que ele seria aliado de sua posição *por aqueles mesmos a quem proporcionara os elementos da cultura e da liberdade. As mãos aduladoras que buscaram a proteção das tuas, voltarão aos teus palácios transitórios para assinar o decreto da tua expulsão do solo abençoado.* Que dor maior poderia sofrer uma filha, vendo seu honrado pai exposto a tanta humilhação?

CE - Hoje, sob nosso olhar, lançado de um Brasil republicano, que atributos de Dom Pedro II e da Princesa Isabel se destacam do ponto de vista pessoal, político e espiritual?

PRV - O Segundo Reinado foi um período de paz interna em nosso país. A conturbação vivida pela administração de Dom Pedro I e o período de grande inquietação social e política experimentado pela Regência, deu lugar a um Brasil de calma com a posse de Dom Pedro II que, em 1889, entregou o país pacificado aos golpistas republicanos, os quais, entretanto, se viram às tontas com o poder na mão. O resultado foi um período de grande turbulência política com o fechamento do Congresso, prisões de oposicionistas, invasão de jornais. Nesse tempo, o Espiritismo sofreu uma perseguição implacável, com as Casas Espíritas sendo invadidas, num clima de horror inusitado, como descreveu o confrade Canuto Abreu. Circunstâncias que o Segundo Reinado não conheceu, dada a ampla liberdade que Dom Pedro II garantia aos súditos. Todavia, o Brasil estava amadurecido para deixar a Monarquia, como assinalou a psicografia de Humberto de Campos. Mas essa transição poderia ter sido por acordo, sem ruptura institucional, pois Dom Pedro II estava cansado e gravemente

enfermo, depois de meio século de poder monárquico. Porém, foram em vão as tentativas do monarca de “conferenciar” com Benjamin Constant e Deodoro no dia do golpe.

CE - Que lições nos ficam, como pátria, como Estado e como nação, do meio século de governo de Dom Pedro II e do período em que a Princesa Isabel esteve no poder?

PRV - O maior legado da gestão de Dom Pedro II, auxiliado por sua filha, a magnífica Princesa Regente, foi a autoridade moral que ambos imprimiram à administração do Império. Com essa autoridade moral, eles pacificaram a Nação, vencendo todas as resistências de movimentos provinciais insurgentes, promoveram a paz e o progresso daquele Brasil que fazia tão pouco se tornara uma Nação independente. No contexto de uma República tão maculada por desvios éticos, o exemplo do Segundo Reinado deveria figurar de maneira mais ostensiva nos projetos de educação de nosso país.

CE - Como foram tratadas, por ambos os monarcas, as delicadas questões militar, religiosa, abolicionista?

PRV - A Questão Militar assumiu proporções com a liderança acadêmica de Benjamin Constant junto à jovem oficialidade. Neurótico de guerra e revoltado com suas condições pessoais de penúria, ele alimentou o equívoco de que todos os males da Nação vinham da Monarquia. Mas com um ano de golpe, Benjamin Constant ficou totalmente esquecido pelos seus companheiros republicanos. Por seu turno, a questão religiosa que azedou as relações do Estado com a Igreja resultou da uma insubordinação de dois bispos contra a autoridade do Imperador, gerando a prisão de ambos, determinada pela Corte Suprema de Justiça, por desobediência, sendo eles mais tarde anistiados por Dom Pedro II. Quanto ao abolicionismo, o desfecho final, que dependia do parlamento, resultou de uma eficaz manobra política de Isabel, quando substituiu o Presidente do Conselho de Ministros, ao assumir a Regência, no ano de 1888, em decorrência do afastamento de seu pai, “*sob a influência dos mentores invisíveis*”, como informa a psicografia de Humberto de Campos. Ao sancionar a lei aprovada pelo parlamento, Isabel foi “*cercada de entidades angélicas e misericordiosas*”, ainda conforme a aludida psicografia.

CE - Quais as relações de Dom Pedro II, da Princesa Isabel e do Barão de Santo Ângelo com Bezerra de Menezes e com o Espiritismo?

PRV - A função de Presidente da Câmara de Vereadores, exercida pelo Dr. Bezerra, correspondia, naquela época, a de um Prefeito da capital. Era, pois, um cargo de prestígio. Naturalmente ele se relacionava com a Coroa. Todavia, esse relacionamento certamente era discreto, pois a Princesa e seu pai fizeram juramento de fidelidade ao catolicismo, como determinava a Constituição imperial, enquanto o Dr. Bezerra houvera se declarado publicamente um Espírita. A historiadora Mary Del Priore afirma que “*há fortes indícios que nos permitem inferir o interesse do Imperador pelo Kardecismo*”. Por sua vez, Isabel também teria demonstrado interesse pelo Espiritismo ao perguntar a Porto-Alegre “*quem era seu Espírito protetor*”. Dizem que ela era “*carola*”, mas Francisco de Assis também não era?

CE - Quais as consequências espiritual, social e política da forma como a família imperial enfrentou o banimento?

PRV - O abalo moral foi derradeiro. A Imperatriz desencarnou um mês depois de deportada. O Imperador amargou a solidão de um quarto de hotel simples na França, sustentado por amigos, e morreu dois anos depois de exilado. A Princesa nunca escondeu a dolorosa saudade

que sentia das amigas e, sobretudo, de Petrópolis. Por sua vez, a República mergulhou numa década de instabilidade social e política, deixando saudades a pacata Monarquia.

CE - Qual a dimensão espiritual e o descortino missionário da atuação libertadora de Dom Pedro II e da Princesa Isabel no Brasil?

PRV - Não só pela atuação libertadora do padecimento dos negros, - que, de resto, não foi em vão, *“os negros das costas africanas foram uma das pedras angulares do monumento evangélico do Coração do Mundo”*, conforme a psicografia de Humberto de Campos - mas, também, pelo espírito de caridade e fraternidade que norteou toda a trajetória encarnada desses Espíritos nobres, *que hoje desfrutam da sementeira que promoveram no planeta e prosseguem na marcha sublime do amor que entre nós encarnados disseminaram. Vibram em estágios superiores de onde emanam fraternidade pura e solidariedade espiritual. É o* que conclui o livro *Dom Pedro II e a Princesa Isabel, Uma Visão Espírita-cristã do Segundo Reinado*.